



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ISMAEL BELO DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO LEITOR

JOÃO PESSOA-PB

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ISMAEL BELO DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO LEITOR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Pedagogia da Universidade Federal
da Paraíba, como parte das exigências
para a obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Marinês Andrea
Kunz

JOÃO PESSOA-PB
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586i Silva, Ismael Belo da.

A Importância da literatura no desenvolvimento do
aluno leitor / Ismael Belo da Silva. - João Pessoa,
2024.

46 f. : il.

Orientação: Marinês Andrea Kunz.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Literatura. 2. Hábito de leitura. 3. Mediação
pedagógica. I. Kunz, Marinês Andrea. II. Título.

UFPB/CE

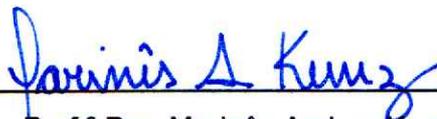
CDU 028(043.2)

ISMAEL BELO DA SILVA

A IMPORTANCIA DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO LEITOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

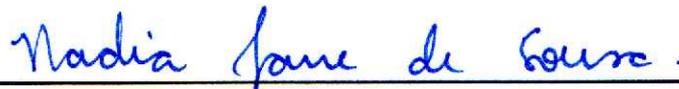
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Marinês Andrea Kunz

UFPB/DME/CE

(Orientadora)



Prof.^a Dra. Nádia Jane de Souza

UFPB/DHP/CE

(Membro da banca examinadora)



Prof.^a Dra. Patrícia Silva Rosas de Araújo

UFPB/DME/CE

(Membro da banca examinadora)

JOÃO PESSOA

2024

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta jornada, reconheço que nunca estive sozinha, pois o apoio de pessoas queridas me acompanhou em cada etapa, mesmo que algumas delas não estivessem fisicamente ao meu lado, mas sempre presentes em meu coração. É com gratidão e alegria que dedico estas páginas a todos que caminharam comigo.

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar forças quando parecia impossível continuar, iluminando meu caminho e me sustentando ao longo dessa jornada acadêmica. Sem Sua graça e proteção, eu não teria chegado até aqui.

Aos meus pais, Maria Lucia e Adailton Belo, minha eterna gratidão, foram meu alicerce em todos os momentos dessa caminhada, sempre me incentivando e acreditando no meu potencial. Desde o início dos meus estudos, vocês nunca mediram esforços para que eu pudesse seguir em frente, oferecendo apoio incondicional, palavras de carinho e conforto quando eu mais precisei. Suas orações e conselhos foram fundamentais nos momentos de dificuldade, e foi com o exemplo de força e dignidade que me ensinaram a enfrentar os desafios da vida. Por tudo isso, e pelo amor imenso que vocês sempre me deram, eu sou profundamente grato. Agradeço também aos meus irmãos, Aucelio Belo e Rafael Belo, que sempre mostraram confiança em mim e acreditaram no meu potencial, isso foi essencial para que eu continuasse firme em meus propósitos.

Aos amigos que a universidade me deu, minha profunda gratidão. Vocês não só compartilharam comigo os desafios acadêmicos, as noites de estudo e as preocupações com prazos e trabalhos, mas também trouxeram leveza e alegria a essa jornada. Cada conversa, riso, encontro e apoio mútuo nos momentos mais difíceis fizeram toda a diferença. A amizade que construímos ao longo desse percurso se tornou uma parte essencial da minha experiência, e sem vocês, certamente, essa caminhada teria sido muito mais árdua e solitária. Obrigado por estarem ao meu lado, por acreditarem em mim e por tornarem essa fase da minha vida algo tão especial e memorável.

À minha orientadora, Marinês Andrea Kunz, por sua orientação dedicada e por acreditar no meu trabalho. Seu apoio e comprometimento foram fundamentais para a realização desta pesquisa, e sou imensamente grato por cada ensinamento.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre a importância da literatura no desenvolvimento do aluno leitor ao longo da educação básica, com ênfase no ensino fundamental. A pesquisa busca responder à seguinte questão: como a inserção da literatura no ambiente escolar pode contribuir para a formação de leitores críticos e reflexivos? Para isso, o trabalho investiga de que forma a leitura de obras literárias influencia na formação do leitor durante a educação básica, abordando a relevância de ter um contato contínuo com os textos literários em todas as etapas da vida estudantil, principalmente nos anos iniciais, destacando a importância de um bom professor leitor na promoção de um ambiente favorável ao crescimento das habilidades literárias e críticas. Para esse propósito, foram realizados estudos bibliográficos de autores estudiosos sobre o tema em questão, tais como Antonio Candido (2011), Jonathan Culler (1999), Faraco (2009) e Souza (2008), os quais debatem de forma abrangente sobre importância da literatura na formação crítica e social dos estudantes. Além disso, discute-se a relevância da mediação pedagógica na formação dos leitores autônomos, ao mesmo tempo em que são apontados os obstáculos estruturais e pedagógicos existentes na educação, como a ausência de estímulo à leitura e a insuficiência das bibliotecas escolares. A partir dos estudos bibliográficos, conclui-se que o contato com a literatura, quando bem mediado, é essencial não apenas para o desenvolvimento das habilidades linguísticas e cognitivas dos alunos, mas também para promover uma compreensão ampla e crítica sobre o mundo, ao mesmo tempo em que desperta o interesse e o prazer pela leitura, aumentando o repertório imaginativo, cultural e social.

Palavras chaves: Literatura. Hábito de leitura. Mediação pedagógica.

ABSTRACT

The presente work aims to discuss the importance of literature in the development of student readers throughout basic education, with a focus on elementary school. The research seeks to answer the following question: how can the integration of literature in the school environment contribute to the formation of critical and reflective readers? To address this, the study examines how reading literary works influences reader development during basic education, emphasizing the significance of continuous engagement with literary texts at all stages of schooling, particularly in the early years, and highlighting the role of a skilled teacher-reader in fostering an environment conducive to the growth of literary and critical skills. For this purpose, bibliographic studies were conducted based on the works of renowned scholars on this subject, including Antonio Candido (2011), Jonathan Culler (1999), Faraco (2009), and Souza (2008), who discuss in depth the importance of literature in students' critical and social formation. Additionally, the study addresses the relevance of pedagogical mediation in shaping autonomous readers while pointing out structural and pedagogical challenges in education, such as the lack of reading incentives and insufficient school libraries. Based on these bibliographic studies, the conclusion is that well-mediated engagement with literature is essential not only for the development of students' linguistic and cognitive skills but also for promoting a broad and critical understanding of the world. It simultaneously fosters interest and pleasure in reading, enriching students' imaginative, cultural, and social repertoires.

Key-words: Literature. Reading habit. Pedagogic mediation.

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPL	Instituto Pró-Livro
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
RPG	Role-playing game

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Comparação das Médias de Leitura do PISA.....	18
Figura 2 - Principal Motivação para Ler um Livro	19
Figura 3 - Interesse pela literatura.....	20
Figura 4 - O que faria frequentar mais a biblioteca.....	21
Figura 5- Alexandre T. Lobo	29
Figura 6- Jornal O Diário do Porco.....	31
Figura 7- Terceiro porquinho	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	A LITERATURA E O DESENVOLVIMENTO DO LEITOR.....	4
2.1	O que é Literatura?	4
2.2	Importância da vivência com a linguagem	6
2.3	Contribuições dos Gêneros Literários	9
2.4	Formação cognitiva e emocional	10
2.5	Fases de Leitura e Abordagens Pedagógicas	11
3	ESTUDOS SOBRE A DIMINUIÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA	17
3.1	Problemas de Infraestruturas	20
3.2	A Era digital	22
4	A ATUAÇÃO DO PROFESSOR NA MEDIAÇÃO LITERÁRIA.....	25
4.1	Análise da obra <i>A Verdadeira História dos Três Porquinhos</i>	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
	REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

No cenário educacional contemporâneo, a formação de leitores é um pilar essencial no processo de desenvolvimento cognitivo, da compreensão textual, da linguagem oral, da capacidade criativa, entre outros. Nesse sentido, é de grande importância que essa formação vá além da mera aquisição da habilidade de decodificação textual, de modo que é de valor imprescindível que a educação proporcione experiências enriquecedoras que desenvolvam não apenas a capacidade de ler, mas também o gosto pela leitura. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo verificar como a introdução e a presença de textos literários durante a vida escolar podem moldar e enriquecer a jornada leitora dos alunos.

Embora a escola costume utilizar bastante os textos literários durante boa parte das etapas dos iniciais da educação, mostrando a consciência pedagógica e a importância dessas obras para o processo de alfabetização, é possível observar que, à medida que os anos do ensino fundamental avançam, por diversos motivos, há uma diminuição contínua do uso de tais obras. Essa mudança, muitas vezes repentina, pode ser atribuída a diversos fatores, entre eles, a pressão para o cumprimento do currículo padronizado, o foco em avaliações quantitativas, e a ênfase em habilidades específicas para realizar determinados exames nacionais. Segundo Santos (2021), a compreensão de que, à medida que os alunos avançam nos anos escolares, o uso dos livros literários tem menos importância para o desenvolvimento das habilidades leitoras dos alunos é equivocada. A leitura de tais livros não é uma prioridade na educação, pois, conforme o ensino fundamental avança, o foco do componente curricular de português volta-se para a gramática e os gêneros textuais. Com a literatura deixada de lado, o gosto que o aluno desenvolveu pela leitura na educação infantil e nos anos iniciais do fundamental tende a diminuir, e até a desaparecer por completo.

Além disso, apesar de se conhecer a importância reconhecida da leitura literária na formação integral dos alunos, observa-se uma tendência de desvalorização dos livros literários no ambiente educacional, seja pela utilização de métodos tradicionais de ensino ou por conta da predominância de tecnologias digitais e novas formas de consumo de informação. Essa tendência levanta preocupações sobre o impacto negativo na formação dos novos leitores e no desenvolvimento das habilidades leitoras. Portanto, torna-se necessário investigar a importância dos textos literários e a sua influência no desenvolvimento das habilidades de leitura, compreensão e interpretação dos alunos ao longo de sua trajetória educacional.

Por esses motivos, é fundamental examinar a importância da leitura literária e os

impactos negativos que a diminuição do acesso a tais obras pode ter no desenvolvimento crítico e na motivação de leitura do aluno, uma vez que a literatura apresenta distintas perspectivas e experiências que podem contribuir não apenas para a evolução das habilidades linguísticas, mas também para a formação de um cidadão que consiga refletir sobre o mundo em que vive. Isso posto, é fundamental repensar as práticas pedagógicas, visando à reintegração dos livros literários como um dos pontos essenciais ao longo da educação escolar.

Justamente por tais motivos, meu interesse pela temática da importância da literatura no desenvolvimento do aluno leitor surgiu a partir de experiências vivenciadas durante toda a minha educação, desde a básica até a superior. Com um exercício realizado durante o componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso I, fui lembrando de pontos importantes da minha trajetória na educação: nas primeiras séries do ensino fundamental, as professoras faziam leituras de obras literárias, porém, a partir dessas séries, não me vem nenhuma lembrança de sua utilização até a quinta série e o terceiro ano do ensino médio.

Na quinta série, o professor de português simplesmente entregou um livro de Machado de Assis e disse à turma para ler, sem qualquer tipo de mediação ou atividade pedagógica. Lembro que era uma obra bem complexa, principalmente pelo vocabulário diferente do que estávamos acostumados, de modo que a obra se mostrou inatingível para mim e para o restante da turma, gerando frustração e impedindo que eu a apreciasse. Recordo que, na época, achava que todos os livros literários eram assim. Já no terceiro ano do ensino fundamental, a professora de português discutiu com a diretora para levar minha turma à biblioteca, a qual estava em um estado lamentável, com livros roídos por ratos e com mofo. Mesmo com esses problemas, conseguimos utilizar alguns livros e fazer as atividades de leitura, e foi com essas atividades que eu li um livro pela primeira vez, despertando meu gosto pela leitura.

Com essas experiências lembradas, fiz uma conexão com os estágios vivenciados durante a graduação, quando observei que as leituras literárias eram realizadas com mais frequência na educação infantil e no primeiro ano do ensino fundamental, com uma diminuição significativa no segundo ano e praticamente inexistentes nos anos subsequentes. Essa informação foi reforçada em conversas com professoras dos estágios, que confirmaram essa tendência de redução na leitura literária conforme os alunos avançavam no ensino fundamental. As professoras relataram que precisavam “correr contra o tempo”, para concluir os assuntos dos livros didáticos, em função dos relatórios que deviam elaborar com frequência, além de que tinham que focar bastante nos conteúdos de português e matemática exigidos nas provas dos exames nacionais.

Essas experiências pessoais, tanto como estudante quanto como estagiário, despertaram em mim a necessidade de refletir sobre a importância de um contato contínuo com a literatura ao longo de toda a educação básica. A ausência de uma prática sistemática pode privar os estudantes de desenvolverem habilidades essenciais como o pensamento crítico, reflexivo e criativo. Diante disso, meu interesse com este trabalho é enfatizar como a literatura contribui para o desenvolvimento intelectual e emocional dos alunos, incentivando a criatividade, a empatia e o pensamento crítico. O objetivo geral deste trabalho é investigar a importância da literatura no desenvolvimento dos alunos ao longo da educação básica, destacando como a leitura literária pode contribuir para o desenvolvimento intelectual, emocional e crítico dos estudantes. Os objetivos específicos são: identificar os benefícios específicos da leitura contínua no ensino fundamental I; analisar fatores que contribuem para a redução da literatura nas escolas; tratar do papel do professor como mediador da leitura literária e seu papel na formação de leitores.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresento a introdução, onde apresento meu interesse pela temática e a justificativa sobre o tema. A partir do segundo capítulo desenvolvo o referencial teórico, que inclui a definição de literatura, sua importância, a contribuição dos gêneros literários e as fases da leitura dos jovens. No terceiro capítulo apresento a metodologia utilizada na pesquisa. No quarto capítulo abordo estudos sobre a diminuição da prática da leitura. Já no quinto capítulo, trato sobre a atuação do professor enquanto mediador literário. Por fim, finalizo o trabalho com as considerações finais.

O presente trabalho foi realizado através de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, mediante o procedimento da pesquisa bibliográfica com caráter qualitativo, que, segundo Martins (2001), consiste em uma revisão da literatura em busca das informações necessárias para explicar e discutir sobre o tema da pesquisa com base nas referências teóricas publicadas. Para isso, foram utilizados artigos das bases de dados online Repositório da UFPB, SciElo e Periódico Capes, além de estudos publicados em livro.

Portanto, esse tipo de pesquisa tem como um de seus objetivos inserir o pesquisador em um contato direto com o tema proposto, mostrando que não se trata apenas de uma repetição do que já foi dito sobre tal assunto, mas, sim, proporcionar um novo enfoque ou abordagem sobre a temática, chegando a novas conclusões

Para tal propósito, foi realizada uma ampla revisão bibliográfica, que consistiu na análise de artigos científicos relevantes sobre o tema. Essa revisão permitiu a compreensão aprofundada dos conceitos da leitura literária e do aluno leitor, bem como das práticas pedagógicas voltadas para a promoção da leitura literária no contexto escolar. Foram

consideradas as contribuições de autores como Cosson (2009), Cruvinel (2022), Compagnon (2009), Barthes (2003), entre outros, para embasar teoricamente essa pesquisa.

Por meio dessa abordagem metodológica, espera-se alcançar uma compreensão mais abrangente e aprofundada da importância dos livros literários no desenvolvimento do aluno leitor, contribuindo para o avanço do conhecimento na área da educação literária.

2 A LITERATURA E O DESENVOLVIMENTO DO LEITOR

Neste capítulo, é discutida a importância da leitura literária para o desenvolvimento completo do estudante, a partir do conceito de literatura, destacando a sua relevância como ferramenta para o desenvolvimento crítico, emocional e social, apontando a importância da vivência com a linguagem ao longo da formação básica. Em seguida, são abordadas as classificações dos gêneros literários, suas características e como estas contribuem para o repertório do aluno. Quanto a este ponto, autores como Antonio Candido e Faraco se mobilizam para destacar como a literatura tem um impacto humanizador. Por fim, o capítulo trata das fases da leitura, descrevendo as várias etapas que os leitores atravessam ao longo da vida e como cada fase se relaciona com abordagens pedagógicas adequadas a cada momento do desenvolvimento enquanto leitores.

2.1 O que é Literatura?

Ao longo da história, a definição de literatura tem sido um tema de complexos debates, pois abarca suas delimitações. Segundo Culler (1999), antes do século XIX, o termo “literatura” era entendido como qualquer “texto escrito” ou “conhecimento de livro”, que é um conceito que se restringia apenas à transmissão de conhecimento textual. A partir dessa época, mediante novas teorias, foi se descobrindo uma variedade de características únicas que seriam abordadas dentro do campo da teoria literária, mostrando que a literatura não se restringia a um aspecto unidimensional, mas que abrange uma variedade de áreas do saber. Por conta dessa multiplicidade de elementos, a definição de literatura abrange um campo complexo e fluido, com fronteiras que dificilmente estabelecem um limite. Com isso, as principais teorias

caminharam juntas e apontaram esse tipo de escrita como um objeto estético, ou seja, algo que é apreciado pelas suas qualidades sensoriais, emocionais ou reflexivas, por exemplo, pelas suas formas, cores, composições, ou, no caso da literatura, pelo uso criativo da linguagem, pelas metáforas, pelo ritmo, pelas ideias expressas e pela forma como esses elementos se relacionam para causar um efeito no leitor ou no espectador, não precisando necessariamente servir a um propósito ou função prática.

Com essas características sendo estabelecidas, é possível definir atualmente a literatura na nossa sociedade como uma forma de arte que usa a linguagem escrita como forma de expressar sensações, emoções e pensamentos reflexivos. Uma prática cultural que vem ganhando novas transformações à medida que o tempo passa. Sendo uma prática cultural, é possível que sua definição mude, dependendo da cultura local e histórica. Isso evidencia que cada sociedade pode ter sua própria definição, e mesmo dentro de uma cultura específica, é possível haver múltiplas interpretações, o que reafirma que a literatura é, em sua essência, uma construção cultural identificada a partir de valores estéticos e sociais.

Porém, segundo Bakhtin (1981 *apud* Faraco, 2009), a literatura não pode ser vista apenas como um objeto estético, pois, para o autor, é uma espécie de conversa entre o leitor e a obra. Esta vem imbuída de diversas vozes, ideias e discursos que interagem entre si, e com essa interação presente nos textos, é possível que o leitor participe ativamente do processo de significação, já que, a partir da leitura, pode interagir com diversas visões de mundo. Com isso, o leitor pode explorar perspectivas diferentes, mas que coexistem dentro da obra, assim, amadurecendo o pensamento reflexivo e crítico. Nesta perspectiva, a literatura ultrapassa esse limite de apenas um objeto estético e se torna um espaço discursivo de confronto dos diversos discursos coexistentes em tal obra.

Essa ideia tem relação com o pensamento de que a interação com a linguagem molda o indivíduo, o leitor não só entende, mas também se envolve na elaboração de significados. Essa linguagem, encontrada na literatura, não funciona apenas como um meio informativo, mas como um local onde diversos pontos de vista se misturam, influenciando não só a compreensão, mas também a identidade do leitor. Esse envolvimento possui um impacto significativo na construção de sua identidade enquanto indivíduo, a palavra é tão essencial para a essência humana, pois, a partir dela, nos envolvemos com a realidade do outro. Por meio da linguagem, iniciamos contato com as diversas visões de mundo, princípios e tradições culturais, o que contribui para a formação de uma identidade mais diversificada e intrincada. Assim, a interação com a linguagem é vista como uma experiência educativa importante para o crescimento pleno do indivíduo em todos os aspectos, influenciando as emoções, pensamentos e comportamentos.

Essa dinâmica entre o leitor e o texto, além de ampliar o conhecimento cultural do aluno, ao mesmo tempo que transforma o em um sujeito diferente do que foi antes da leitura.

2.2 Importância da vivência com a linguagem

Jobim e Souza (2008) ressaltam que a vivência com a linguagem reforça a dimensão dialógica e interativa que existe na literatura, pois o processo de significação permite a interação com a linguagem escrita, assim, concedendo ao leitor diferentes visões de mundo a partir das diversas vozes que existem na obra literária. Por isso, a literatura desempenha um papel fundamental na educação, oferecendo um espaço privilegiado em que os alunos conseguem adentrar em diversas realidades diferentes, ampliando sua percepção de mundo e desenvolvendo as habilidades leitoras. A importância da literatura reside em sua capacidade de promover esse diálogo entre o leitor e a realidade, de modo que a educação literária vai além da formação de competências linguísticas, sendo um processo de extrema importância para a construção de um cidadão consciente.

Esses aspectos mostram como é essencial que as escolas mantenham um compromisso constante com o incentivo da leitura de literatura ao longo de toda a educação básica do aluno, pois, garantindo o acesso a essas obras, irá auxiliar na formação de um cidadão crítico, consciente e preparado para enfrentar os dilemas da sociedade moderna, já que, desde o início do processo de apropriação da linguagem, inicia-se também a formação do leitor.

A literatura, como produto cultural, desempenha um papel crucial na construção da identidade humana, tanto em seu aspecto biológico quanto cultural. Como ressaltava Souza (2008, p. 29),

O homem passa a ser estudado no encadeamento dos seres vivos, em que assume seu lugar como um ser com características de ser da natureza e de ser da cultura. Como ser vivo, o homem pertence ao mundo regido pelas leis biológicas; como ser possuidor de linguagem e instituidor da civilização, introduz um elemento original: a cultura.

Nessa perspectiva, o homem, como um ser que transita entre a natureza e a cultura, expõe a natureza complexa da condição humana e a importância da linguagem nesse processo. Como ser vivo, o homem é governado pelas leis biológicas, porém, como possuidor da linguagem, isso o diferencia, permitindo a criação de símbolos e, com isso, a construção da civilização, sendo a cultura o elemento original que o homem introduz no mundo. Ao utilizar tal artefato, ele não apenas se comunica ou expressa pensamentos, mas também transforma a

realidade, assim, participando ativamente na construção da sociedade. Enfatiza-se, com isso, a importância da vivência com a linguagem na educação, especialmente na literatura, uma vez que, por meio dela, é possível proporcionar aos alunos não só o desenvolvimento das habilidades técnicas, mas também essa capacidade de compreender e interagir com a realidade que os cerca, ampliando seu repertório cultural e capacitando-os a refletir de forma crítica sobre o mundo.

Assim, Bakhtin (1981), corroborado por Jobim e Souza (2008), defende que a literatura vai além de um simples objeto estético, servindo como um espaço de troca de significados e uma oportunidade de amadurecimento intelectual. Dessa forma, a literatura não só expressa emoções e pensamentos reflexivos, mas também tem o poder de cativar o leitor em um processo ativo de construção de conhecimento.

Essa perspectiva sugere que a literatura é uma forma de arte feita a partir de palavras (e de imagens, no caso da Literatura Infantil e da Juvenil), e sua experiência proporciona uma forma singular de interação, já que, por meio dela, é possível dar significado ao mundo e a nós mesmos. Ela não apenas descreve como é o mundo, mas, a partir de sua leitura também é possível interpretar seus significados através dos seus símbolos. Torna-se, assim, não apenas um produto final, mas um processo de produção e interpretação contínuo, que traz consigo o desenvolvimento do indivíduo, já que seus leitores são expostos a uma variedade de perspectivas, experiências e emoções que enriquecem sua compreensão sobre si próprios, os outros e o mundo. Essa ideia é reforçada por Cosson (2020, p.177, *apud* Alves, 2021, p. 464):

a literatura é uma linguagem que utiliza a própria linguagem para atribuir sentido ao mundo e à humanidade, ao tempo em que se apresenta como um repertório de textos e práticas de produção e interpretação, pelos quais simbolizamos nas palavras e pelas palavras a nós e o mundo que vivemos.

Com isso em mente, torna-se imprescindível criar esse hábito de leitura literária na vida do ser humano, principalmente nos anos iniciais, o que em geral, só acontece quando a criança adentra a escola. Como afirma Cruvinel (et al. 2022, p. 3),

torna-se função da escola formar crianças leitoras. Diante deste desafio é primordial que o professor seja referência para as crianças. O professor é o mediador do saber fazer, incentivar e criar formas que despertam a curiosidade e a satisfação das crianças pelos livros, de forma a estimular nelas o gosto pela leitura.

Baseado em Cruvinel (2022), fica nítido que a função da escola é desenvolver nos alunos o gosto pela leitura e, por consequência, formar bons leitores, sendo que, para isso, o professor é o principal responsável por esse papel. E para isso, a leitura precisa ser iniciada durante os primeiros anos da educação infantil, como afirma Lobato (1964, p. 250, *apud*

Fortunato, 2016, p. 13): “quem começa pela menina da capinha vermelha pode acabar nos Diálogos de Platão, mas quem sofre na infância a ravage dos livros instrutivos e cívicos, não chega até lá nunca. Não adquire o amor da leitura”. Por essa razão, cabe à escola desenvolver métodos para incentivar tanto o professor quanto o aluno, disponibilizando esses recursos desde cedo na educação, para que as crianças iniciem essa prática de forma agradável, mas para isso, é preciso que esse exercício de leitura seja feito continuamente conforme o aluno avança no nível escolar, já que é a partir da vivência com a leitura que é formado o hábito de ler.

Como visto, “a literatura é capaz de formar cidadãos críticos, que são capazes de ouvir, opinar, argumentar e não se alienar mediante informações de senso comum” (Oliveira, 2008, *apud* Cruvinel, 2022, p. 4). Dessa forma, a leitura é um processo fundamental para o desenvolvimento do indivíduo perante a sociedade, já que, por meio dela é possível contemplar os mais variados aspectos desde a linguagem, a educação para a sensibilidade e a emoção, a criatividade e o exercício de reflexão, mostrando as diferentes aprendizagens que podem ser adquiridas através dessas leituras, descobrindo novos mundos sem sequer sair fisicamente do lugar. Sob o mesmo ponto de vista, Almeida (2023) afirma que a prática contínua da leitura literária permite ao leitor imergir em vários contextos, possibilitando uma reflexão, a criatividade de ver novas perspectivas. Quando está concentrado na sua leitura, o sujeito se envolve nas histórias dos personagens como se fosse a sua própria história. E, a partir disso, é possível reconstruir aquilo que já tinha havia sido construído em sua mente, mas agora com uma nova visão, desenvolvendo sua criatividade, imaginação e criticidade.

Da mesma forma, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o documento que guia a educação no Brasil, demonstra a indispensabilidade da leitura literária ao apontar sua nona competência geral para a língua portuguesa, ou seja, que o estudante deve:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (Brasil, 2018, p. 87)

Essa competência geral enfatiza a importância de formar leitores literários, visto que, a partir dessas leituras, o aluno consegue evoluir no seu desenvolvimento cognitivo, ampliar o imaginário, a sua criatividade e seu processo de formar ideias próprias. Além de explorar dimensões lúdicas, imaginativas e encantadoras que o instigam à reflexão, aprimorando a si mesmo enquanto explora o mundo à sua volta.

2.3 Contribuições dos Gêneros Literários

Segundo Oliveira (2010), os gêneros literários são categorias que classificam as obras literárias de acordo com suas características, ajudando a organizar as produções artísticas em grupos temáticos. São tradicionalmente divididos em três: Gênero lírico, que se caracteriza pela expressão de sentimentos e emoções de forma subjetiva e pessoal, normalmente escrito em verso, explora os sentimentos, como o amor, alegria, dor e tristeza, tendo como principal objetivo evocar emoções no leitor, de modo que costuma ser rico em metáforas e outras formas de figuração da linguagem. O gênero narrativo é uma evolução da épica - história de povos com feitos grandiosos e eventos, que em sua maioria são heróicos -, assim, a atenção é voltada para os sentimentos do protagonista da história, e as formas mais comuns desse gênero são o conto, a novela e o romance. E por último, o gênero dramático apresenta o conflito e a ação por meio dos diálogos e situações que são interpretadas, ou seja, em uma performance ou encenação, tendo como destaque o conflito emocional e psicológico, permitindo que o leitor ou espectador experimente os sentimentos dos personagens da história, sendo comumente encontrados em cinema, teatro ou televisão.

Com isso em mente, é possível observar o porquê dos gêneros literários desempenham um papel fundamental na formação do leitor, já que a partir de cada gênero é possível oferecer diferentes formas de expressão e provocar no leitor/espectador o desenvolvimento de habilidades interpretativas, emocionais e críticas, principalmente em se tratando de crianças, já que proporcionam uma imaginação com diferentes sensações e ideias. A diversidade dos gêneros literários é uma ferramenta para despertar o prazer, o fascínio e a imaginação no leitor. Porém, Maia (2007 *apud* Elias e Oliveira, 2015) adverte que muitos professores ainda utilizam apenas o livro didático no processo de leitura, ao propor a leitura apenas de fragmentos desses textos, o que é insuficiente para estimular o gosto e o prazer pela leitura.

Ademais, como cada uma dessas modalidades de gênero possui uma estrutura de texto específica, o leitor é desafiado a interpretar as diversas formas de linguagem e, com isso, expande o repertório cultural e linguístico do leitor, permitindo que ele sinta e se movimente por diversos sentimentos e experiências humanas, tanto históricas quanto mais intimistas. Desse modo, o trabalho realizado com gêneros literários no ambiente escolar é fundamental para o aprimoramento de múltiplas competências dos alunos, as quais abrangem além da leitura. Os textos literários, em suas diversas manifestações, funcionam como meios de reflexão sobre a vida, a sociedade e a condição humana, não apenas desenvolvendo o intelecto, mas

também as emoções e a visão de mundo do indivíduo. Portanto, a abordagem de estudos sobre gêneros literários promove o desenvolvimento integrado do aluno.

2.4 Formação cognitiva e emocional

A leitura de obras literárias é um componente essencial na formação cognitiva e emocional dos indivíduos, visto que autores como Antonio Candido (1972) defendem que a literatura promove um “processo humanizador”, no qual o leitor se depara com a complexidade das relações humanas e do mundo ao seu redor. A partir dessa percepção, o leitor começa não apenas a ampliar o seu conhecimento da cultura onde vive, mas também a entender melhor suas emoções e o pensamento do outro, o que estimula a empatia e a sensibilidade social.

De acordo com Faraco (2009, p. 84), “É no interior do complexo caldo da heteroglossia e de sua dialogização que nasce e se constitui o sujeito. A realidade linguística se apresenta para ele primordialmente como um mundo de vozes sociais em múltiplas relações dialógicas”. Esse conceito de heteroglossia consiste na coexistência de várias vozes e pontos de vista em um texto literário, pois qualquer enunciado advém de um sujeito para o outro, com o intuito comunicativo, que vai gerar uma reação, assim criando a interação do escritor com o leitor. A exposição do leitor a esses diferentes pontos de vista ajuda o indivíduo a desenvolver sua subjetividade, enriquecendo a formação emocional e cognitiva, já que essas ideias e sentimentos diversos ampliam a capacidade do leitor de refletir sobre o mundo e suas próprias experiências. Ao processar as emoções expressas na malha textual, o indivíduo enriquece a formação emocional, ao mesmo tempo que ele aprende a pensar criticamente, já que vai dialogar com essas múltiplas perspectivas diferentes, assim, contribuindo para a sua maturação tanto intelectual quanto social.

Sob o mesmo ponto de vista, Abramovich afirma:

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto para criar asas e estimular a aprendizagem” (Abramovich, 1994, p. 23 *apud* Mariano, 2023, p 8).

É possível confirmar o poder transformador da narrativa, pois, ao ouvir histórias, a criança desenvolve várias atividades criativas e educativas, já que, a partir da leitura ou de ouvir uma história, ela tem inúmeras inspirações, como, exemplo, para fazer desenhos, compor músicas, criar interpretações através do faz de conta, ou até mesmo brincadeiras novas. Isso demonstra como a literatura tem um efeito expansivo sobre a mente e as emoções, funcionando como um ponto de partida para múltiplas habilidades e formas de aprendizagem, criando o

processo de criação, reflexão e o desejo de repetição, fazendo com que o leitor busque cada vez mais da mesma obra ou de outra. Assim, o texto literário se torna uma fonte praticamente inesgotável de inspiração e transformação pessoal.

2.5 Fases de Leitura e Abordagens Pedagógicas

O processo de desenvolvimento da capacidade leitora é caracterizado por ser progressivo, que normalmente ocorre nas fases da infância e adolescência, passando por diferentes fases de leitura, cada uma possui seus desafios e progressos próprios. Por esse motivo, a seleção dos materiais utilizados para as leituras deve ter a atenção do professor, já que a partir dos gostos da criança, ela pode ou não se interessar pela leitura. Richard Bamberger (1991 apud SILVA, 2016) propõe cinco fases da leitura que correspondem a diferentes faixas etária e níveis de maturidade do leitor. Compreender essas fases é essencial para que os educadores consigam estabelecer estratégias pedagógicas para cada etapa de desenvolvimento do leitor.

Vale salientar que as fases de leitura abordadas neste capítulo não pretendem definir uma estrutura inflexível ou etapas obrigatórias para o desenvolvimento do leitor. Pelo contrário, elas atuam como uma referência valiosa para entender as alterações naturais que acontecem conforme o estudante evolui no seu processo de leitura, levando em consideração o ritmo, a experiência e a vivência de cada pessoa. Portanto, essas etapas não são consideradas como marcos fixos, mas sim como uma estrutura adaptável que direciona e representa o que pode ser esperado em cada idade do aluno. A vivência prática e as diferenças que existem entre os indivíduos indicam que a aprendizagem é um processo dinâmico e contextual, em que elementos como a orientação pedagógica, o ambiente escolar e as experiências pessoais dos alunos têm o papel de modificar a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno.

1ª Fase: Idade dos livros de gravuras e dos versos infantis (de 2 a 5 anos). Abrange os primeiros anos de vida, quando a criança não tem a habilidade de leitura formal, mas começa a adquirir habilidades que servirão como fundamento para a leitura. Prevalece a mentalidade mágica, em que tem pouca diferença entre o mundo imaginário da mente e o mundo real. O contato com livros ilustrados, a escuta de histórias e o conhecimento de letras são as atividades principais para o interesse pela leitura, sendo que a linguagem visual, em conjunto com a linguagem oral, ajuda a criança a entrar em contato com o formato da obra. Nesse momento, o objetivo pedagógico é focado em familiarizar a criança com o convívio da linguagem, através de atividades lúdicas que ajudem no reconhecimento sonoro, das letras e das palavras. Esse

hábito é fundamental para a iniciar o contato da criança com a alfabetização, já que define o pilar para o desenvolvimento de habilidades como leitura e escrita. Os professores podem despertar o interesse da criança pela leitura ao utilizar jogos, contação de histórias e interações com livros ilustrados, dessa forma, é possível iniciar o desenvolvimento da curiosidade literária.

2ª Fase: Idade do conto de fadas (5 a 9 anos). Nesta fase, as crianças são capazes de decifrar palavras e frases curtas, à medida que utilizam habilidades adquiridas por meio de conhecimentos de sons e símbolos e a aproximação com a leitura inicial. Passando da oralidade para a escrita, a criança começa a se aventurar a ler alguns textos de forma independente, mesmo que ainda de forma lenta e com bastante esforço, o que faz com que o leitor não tenha total compreensão do que foi lido. Neste ponto as crianças preferem os elementos mágicos e fantásticos, como contos de fadas, lendas, mitos, fabulas, que podem oferecer combustível para sua imaginação, já que nessa etapa da vida o faz de conta costuma estar no auge. Neste momento, o propósito pedagógico consiste em proporcionar textos simples e com imagens que auxiliem a leitura, com o intuito de tornar essa atividade mais acessível e agradável, além disso, é fundamental estimular sua prática diária, favorecendo a aquisição gradual de fluência. Com o tempo, essa prática vai ajudar que os alunos alcancem um nível de leitura mais confiante e uma compreensão de texto melhor. Essa organização encaminha a possibilidade de as crianças se tornarem leitores independentes.

3ª Fase: Idade da história ambiental e da leitura "factual" (de 9 a 12 anos). À medida que as habilidades de leitura avançam, a criança atinge uma fase intermediária, em que o padrão de decodificação é mais veloz, possibilitando a leitura de textos mais variados, o que a conduz para o mundo concreto. As perguntas “Como?” e “Por quê?” começam a aparecer cada vez com mais frequência, e a leitura já aparece associada à interpretação e compreensão do conteúdo, já que ela quer desvendar o meio e o contato com vários gêneros textuais, amplia seu vocabulário e desenvolve a capacidade de refletir sobre o que foi lido. A meta pedagógica nesta etapa consiste em motivar os estudantes a se dedicarem aos vários tipos de textos literários, permitindo ao aluno ter acesso a uma diversidade de gênero, estilos e narrativas, essa gama de textos não só amplia a esfera cultural do aluno, mas também propicia um contato mais profundo com as propostas de leitura que mais o agrada. Ademais, a leitura de textos mais complexos também possibilita o desenvolvimento da capacidade de refletir sobre a intenção do autor, mensagens subjacentes e o contexto social e histórica da obra consumida.

4ª Fase: Idade da história de aventuras ou a fase de leitura a psicológica, orientada para as sensações (12 a 14 anos). Na pré-adolescência muitas experiências

acontecem ao mesmo tempo, e o aluno começa a ter consciência da sua própria personalidade e quer se sentir pertencentes a algum grupo. A leitura não é mais passiva, mas envolve um engajamento crítico, permitindo ao leitor refletir sobre as intenções do autor, questionar os significados e confrontar diferentes pontos de vista. Nessa fase, o interesse de leitura é voltado para enredos sensacionalistas, em que há grupos antagônicos (Vilão x Mocinho), aventuras vividas por grupos, personagens maquiavélicos, sendo possível a utilização de escrita ou interpretação através de narrativas interativas, como as de Role-playing game (RPG). Por outro lado, também existe o interesse por histórias sentimentais a partir de obras que reflitam seus próprios sentimentos. O objetivo pedagógico seria estimular o estudante a engajar-se na leitura de textos literários mais complexos e textos críticos, já que promove um espaço de discussão e reflexão, um processo fundamental para construir o pensamento crítico, visto que desafia ele a tomar posições a partir de diferentes pontos de vista, discutir a premissa exposta, assim como formar suas próprias respostas, a partir de temas e conceitos que possam aperfeiçoar a própria compreensão e a capacidade de argumentar. Isso resulta em um desenvolvimento de raciocínio mais completo e estruturado. Outra forma que contribui para isso é a partir de discussões em grupo, como em todas de conversas, já que a ação de trocar ideias com os colegas abre possibilidades dialéticas entre as visões distintas.

5ª Fase: Os anos de maturidade ou o "desenvolvimento da esfera lítero-estética da leitura" (de 14 a 17 anos). O adolescente passa pelo período de maturidade, em que descobre o mundo interior e o mundo dos valores, ou seja, os elementos que influenciam seu comportamento, a forma como ele se relaciona consigo e com os outros e as normas sociais que orientam o modo como se deve agir. As preferências de leitura são voltadas para aventuras de conteúdo mais intelectual, romances históricos e bibliográficos, histórias de amor, temas que envolvem questões existenciais, emocionais e sociais, permitindo ao jovem o contato mais profundo com esses temas complexos. Esse tipo de leitura não apenas entretém, mas ajuda a construir sua identidade, oferecendo oportunidades de refletir sobre o seu lugar no mundo e seus valores, com isso, a literatura se torna um meio para explorar a si mesmo e a sociedade. O propósito pedagógico dessa etapa é estimular o aprofundamento da leitura e o desenvolvimento da esfera lítero-estética do adolescente, oferecendo obras que favoreçam a reflexão crítica e o amadurecimento emocional, além de textos que conversem com os interesses vocacionais, tais como a literatura engajada obras que tratam de questões sociais e filosóficas e que proporcionem a leitura de conteúdos mais complexos e desafiadores ao estudante, para que o educador contribua no desenvolvimento da capacidade de crítica analítica. O objetivo é o de promover o debate e a reflexão que unifiquem a leitura às experiências de vida do aluno, de

forma que ele esteja apto para ler e interagir no mundo mais consciente e mais engajado.

Entender essas fases é essencial para garantir um desenvolvimento gradual das capacidades de leitura da criança e do adolescente. Essas fases fazem mais do que apenas ampliar o conhecimento, elas desenvolvem as habilidades mais complexas, como a de interpretar e refletir sobre os mais diversos contextos, além de oferecer ao aluno o contato com uma imensa variedade de sensações. Também permitem criar uma ponte entre realidade e o imaginário e, posteriormente, a influência na sua formação como sujeito consciente.

As cinco fases de Richard Bamberger (1991) demonstram que o ato de ler deve acompanhar o desenvolvimento do raciocínio linguístico e cognitivo, respeitando as especificidades de cada faixa etária. Na primeira fase, a ênfase está na interação lúdica em torno da linguagem, promovendo uma base inicial para a alfabetização. Nas fases subsequentes, a criança vai se aprofundando no ato de ler, das histórias fantasiosas, como contos de fadas, até as narrativas factuais e depois com o aumento de conteúdos de narrativas mais complexas como aventuras e histórias de cunho psicológico. A apresentação de literatura fora dessas fases de leitura pode dificultar o desenvolvimento do aluno como leitor, como cada fase se adequa a uma etapa da maturidade, o estudante que for apresentado a um texto que está distante em termos de domínio e compreensão ou de interesse poderá experimentar uma frustração, assim, desmotivando sua leitura. Igualmente, apresentar livros mais simplificados para alunos que estão em uma fase de leitura mais avançada poderá limitar o desenvolvimento do aluno em termos de reflexão ou criticidade, ou mesmo causando um desinteresse pela literatura. Por essa razão, é essencial correlacionar a leitura a fase de desenvolvimento, para garantir um envolvimento adequado e um progresso do leitor.

Apesar de Bamberger (1991) tenha feito uma importante contribuição ao classificar o processo de leitura em etapas, suas teorias retratam uma abordagem mais antiga, que foi desenvolvida em um contexto educacional e social que difere do contexto atual. Assim, para nível de comparação e atualizar essa discussão, também é importante incluir as fases de leitura segundo a doutora em Literatura Infantil Nelly Novaes Coelho (2000), as quais oferece uma visão mais atualizada e abrangente, ajustadas as necessidades de diversas idades. Ao optar por essa abordagem, o objetivo é apresentar uma perspectiva atualizada sobre os desenvolvimentos das habilidades de leitura, mas também apontar de que forma essas etapas podem ser utilizadas no contexto educacional atual. Coelho (2000) possibilita uma visão abrangente, reconhecendo a singularidade do leitor nas diferentes fases, suas divisões de fases consideram não somente as técnicas de leitura, mas também o processo cultural, afetivo e emocional que liga o leitor ao

texto, apresentando uma interpretação mais precisa e adequada as necessidades educacionais contemporâneas. Coelho (2000) divide as fases de leitura em cinco categorias principais: pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente e leitor crítico. Essa divisão leva em conta as características específicas de cada idade das crianças e dos adolescentes, além de recomendar estratégias e tipos de textos mais adequados para cada fase.

Pré-Leitor: Esta fase é subdividida em duas etapas diferentes. A primeira etapa compreende o período de até 3 anos, a criança está em um momento crucial de exploração do ambiente que a cerca, neste estágio, como existe um forte desejo de investigar fisicamente os objetos, o sentido mais utilizado é o tato, é nesse momento que a linguagem inicia o seu desenvolvimento, nomeando tudo ao seu redor. Os livros destinados ao grupo com essa idade devem ser feitos com materiais resistentes e sensível ao toque, como tecido, papelão ou plástico, e precisam incluir figuras de animais e objetos que fazem parte do cotidiano da criança, é preciso que os livros sejam introduzidos a vida da criança de forma lúdica e natural, fazendo parte do ambiente cotidiano dela. É essencial a presença de um adulto que sirva de mediador, já que a partir da nomeação dos objetos feita por um adulto a criança consegue construir um vocabulário e sua percepção, compreendendo o mundo ao seu redor.

Na segunda etapa entre 4 e 5 anos, a criança torna-se mais egocêntrica, manifestando maior independência na linguagem, neste momento, é importante que o adulto brinque com a criança e o livro, mas que essas brincadeiras abordem a realidade da criança, apresentando narrativas que tenham relação com a vivência diária, para essa etapa, os livros ainda precisam priorizar imagens, porém, acompanhadas de textos breves, que podem ser lidos por um adulto. Isso é essencial para ela entender a história, mas também para criar relação dos textos com as experiências pessoais, cantigas e trava-língua, por exemplo, são essências para melhorar a linguagem e incentivar a criança a contar histórias, já que possuem elementos simples e de muita repetição o que auxilia na lembrança e entendimento dos textos, é nessa fase que a criança começa a recontar histórias ouvidas.

Leitor Iniciante: entre 6 e 7 anos, neste estágio o leitor está a caminho da alfabetização, começa o início de decifrar as palavras e compreender as frases, a leitura vai se tornando uma atividade autônoma, entretanto ainda é necessário imagens junto ao texto, já que torna mais fácil a compreensão ao mesmo tempo que chama a atenção da criança. Histórias para esse estágio precisam ser diretas e simples, com um início, meio e fim. Os personagens precisam ter personalidades bem definidas, para que a criança possa identificar suas características e entender a história de forma coerente. Os contos e as fábulas possuem

elementos fantásticos, estimulando a criatividade, curiosidade, imaginação e ajudam a criança a relacionar as histórias com suas experiências.

Leitor em processo: entre 8 e 9 anos a criança já possui o domínio da leitura, compreendendo texto de forma mais profunda e independente, esse leitor em evolução tem cada vez mais interesse e questiona tudo, procurando compreender tanto a trama da história quanto a razão e seu desdobramento. Com uma compreensão mais desenvolvida, é possível explorar assuntos mais complicados, a leitura passa de uma atividade serena, em que o conteúdo passa a ser interpretado criticamente. A narrativa ainda precisa ser linear, porém podem existir situações mais complexas que levam a uma reflexão ou escolha de lado, o realismo também é importante para manter a conexão com a rotina diária, entretanto, elementos imaginários e fantásticos também são aceitos. As atividades feitas após as leituras ganham muita importância nessa fase, a troca em grupo ou a elaboração de finais alternativos são úteis para incentivar a análise crítica da obra. Para isso, as narrativas mais interessantes são as lendas, as fábulas e os contos.

Leitor Fluente: Dos 10 aos 11 anos, neste estágio, a capacidade de ler já está totalmente desenvolvida, por isso o leitor já possui uma grande autonomia para ler, a assistência direta de um adulto que antes era fundamental torna-se menos comum e até indesejada, todavia, a mediação ainda é essencial. Com a progressão da fase leitora, a criança começa a escolher seus gêneros e autores favoritos, iniciando um relacionamento pessoal com as obras. A partir desse ponto a leitura tem que deixar de ser apenas educacional e passar a ser um instrumento de auto exploração. As imagens perdem sua relevância, já que a atenção da criança é voltada para o próprio texto, as histórias por sua vez devem possuir uma complexidade maior, incluindo dilemas éticos e ponderações sobre a realidade. Os gêneros mais apropriados para essa fase são as crônicas, novelas e romances, já que eles possuem uma profundidade e dilemas maiores.

Leitor Crítico: A última fase ocorre entre os 12 e 13 anos, o leitor atinge o maior nível de domínio sobre a linguagem oral e escrita, além da capacidade de reflexão e o despertar da criticidade, permitindo não só interpretar os textos com exatidão, mas também os questionar de maneira profunda. O adolescente possui sua maior autonomia literária, engajando com o texto de forma crítica, ele não lê apenas para entender a história, mas para ter todas as respostas que a narrativa propõe. O leitor crítico já possui suas próprias preferências literárias, a leitura já deixou de ser apenas uma atividade recreativa e passou a ser um meio de autoconhecimento e exploração de conceitos mais complexos, como justiça, moralidade e identidade. Neste ponto o leitor passa por diferentes gêneros e estilos literários com autonomia, não só lendo, mas também estabelecendo diálogo com os textos, desenvolvendo essa postura crítica, é possível

estabelecer habilidades que se estendam além da literatura, influenciando como interpretar e questionar o mundo ao seu redor

A relevância de entender as etapas da evolução da leitura, tanto na visão de Bamberger (1991) quanto na abordagem contemporânea de Coelho (2000). Ao contrastar as duas teorias, nota-se que ambas apresentam contribuições importantes para a educação literária, porém Coelho (2000) oferece uma perspectiva mais precisa e atualizada, levando em conta as singularidades de cada faixa etária. As suas diferentes etapas, oferecendo informações importantes sobre como ajustar o conteúdo literário de acordo com o progresso cognitivo, emocional e linguístico da criança, resultando em um engajamento mais profundo e significativo com a leitura. Nas duas teorias o papel do professor é crucial ao selecionar adequadamente os materiais de leitura e propor atividades que despertem o interesse do aluno, facilitando sua jornada para uma autonomia leitora. Dessa forma, o processo de leitura torna-se mais que um simples ato de decodificação de palavras, passando a ser uma experiência formativa e transformadora, contribuindo não apenas para o desenvolvimento acadêmico do aluno, mas também promove seu pleno crescimento como cidadão.

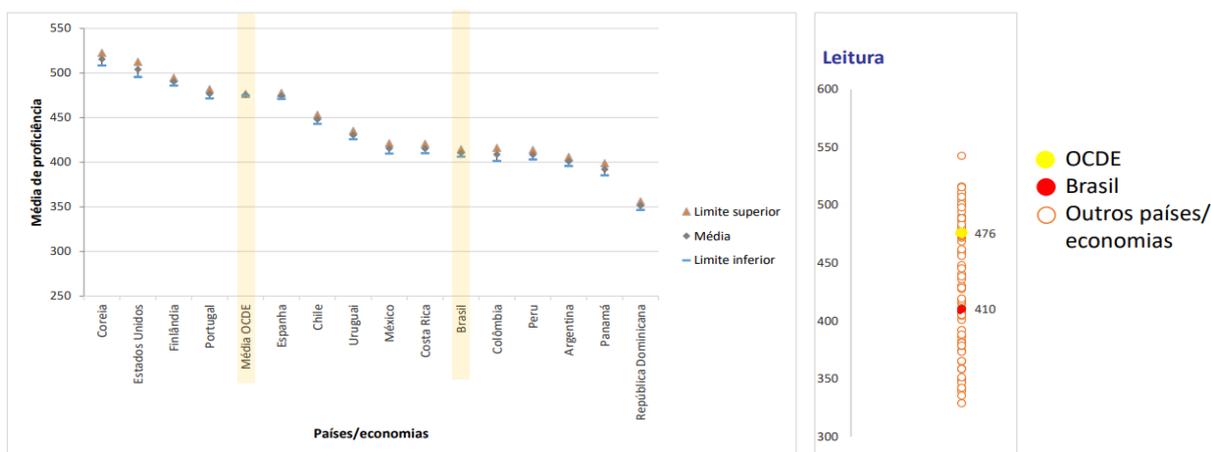
3 ESTUDOS SOBRE A DIMINUIÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA

Segundo Santos (2021), a escola utiliza bastante as obras literárias durante a educação infantil e no início dos anos iniciais, contudo, é possível observar que à medida que os anos do ensino fundamental avançam, por diversos motivos, existe uma diminuição contínua da leitura desses livros. Essa mudança repentina pode ser atribuída a diversos fatores, dentre eles, a menor importância conferida aos livros literários para o desenvolvimento das habilidades leitoras e escritas, já que não consistem em uma prioridade para a educação. Isso se dá porque, com o avanço do nível escolar, o foco do componente curricular de português volta-se apenas para a gramática e os gêneros textuais. Quando isso não ocorre, existe a pressão para o currículo padronizado, ou o foco em avaliações quantitativas, assim, focando cada vez mais em habilidades específicas para determinados exames nacionais.

Nessa perspectiva, a escola tem um papel essencial para a formação de leitores competentes, porém, de acordo com a Figura 1 não é uma coisa que está sendo observada, já que, segundo o resultado das avaliações do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) de 2022, os alunos do Brasil obtiveram 410 pontos na competência de leitura, ou seja, não conseguiram chegar à média internacional da OCDE (Organização para a Cooperação e

Desenvolvimento Econômico) de 476 pontos. Cerca de 50% dos estudantes no Brasil atingiram o Nível 2 em leitura (média da OCDE: 74%), o que significa que metade dos estudantes brasileiros não têm o nível básico em leitura, ficando abaixo do nível 2, que, de acordo com a OCDE, é o nível mínimo para que o jovem consiga exercer a sua cidadania plena¹.

Figura 1 - Comparação das Médias de Leitura do PISA



Fonte: INEP, com base em OCDE. 2022

Para Santos (2021, p. 16), “Observa-se, assim, que, no final do Ensino Fundamental I, os educandos perdem o interesse pela literatura, visto que o ensino dos livros não é a prioridade da Educação, mas a gramática e os diversos gêneros textuais é que são os objetos quase que exclusivos de trabalho.”. Por essa questão, um dos motivos principais do desinteresse dos alunos em relação à leitura se deve ao fato da descontinuidade na leitura dos livros literários ao longo da vida escolar, dando lugar a uma leitura mecânica, focada em questões objetivas e repetitivas, que estão presentes nas avaliações mais tradicionais. Exercícios com enredos superficiais e que podem ser preenchidos por qualquer pessoa que tenha feito uma leitura superficial, lido um resumo ou perguntando ao colega como é a história.

Para Galvão e Silva (2017), essas questões fazem com que o aluno perca a noção do todo desses textos, o que colabora para o texto literário parecer descontextualizado da realidade, dificultando a construção de significado e a compreensão dos temas e mensagens transmitidas pelo autor. Além disso, impede o estudante de refletir sobre tais questões, o que pode levar à ideia de que a literatura não tem uma razão prática. Todos esses pontos negativos

¹ O PISA, ou Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, é um estudo comparativo internacional que avalia o nível educacional de jovens estudantes na faixa etária dos 15 anos. O Pisa é realizado a cada três anos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O último estudo foi realizado em 2022

podem levar os alunos a associar a leitura a uma tarefa escolar tediosa, em vez de uma experiência enriquecedora e prazerosa.

Essas ideias são comprovadas pela 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil², uma pesquisa feita 2019/2020, e realizada em escala nacional com 8.076 entrevistado, em 208 municípios. Ao observar a Figura 2, é possível perceber a perda pelo gosto pela leitura ao longo da educação básica e da vida adulta, enquanto as crianças de 5 a 10 anos comprovam um crescente interesse pela leitura com 48%, indicando prazer como motivação para a leitura. À medida que a idade avança de 12 a 13 anos, apenas 33% são motivados pelo prazer na leitura, e dos 14 aos 17 anos há uma queda para 24%. Mesmo tendo a substituição motivações como crescimento pessoal e atualização cultural no futuro, essa mudança deixa evidente que a desmotivação em relação à leitura é preocupante, e esse desinteresse pode afetar o desenvolvimento pessoal e a formação de hábitos literários. Santos (2021) corrobora essa realidade, já que existe essa quebra no gosto pela leitura conforme os anos avançam.

Figura 2 - Principal Motivação para Ler um Livro

PRINCIPAL MOTIVAÇÃO PARA LER UM LIVRO por Faixa Etária

(%)

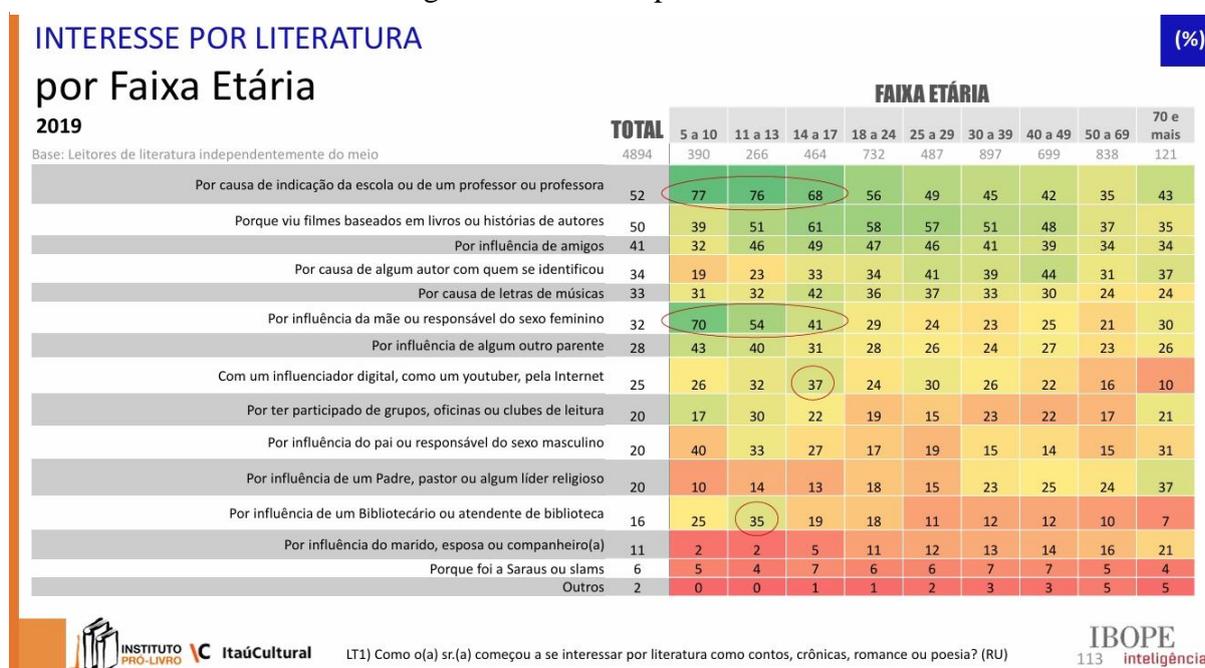
2019	TOTAL	FAIXA ETÁRIA									
		5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	70 e mais	
Base: Leitores	4270	437	255	388	587	398	760	581	739	125	
Gosto	26	48	33	24	17	22	22	23	25	10	
Crescimento pessoal	17	6	11	13	21	22	21	25	14	9	
Distração	14	11	15	22	17	11	12	9	13	17	
Atualização cultural ou Conhecimento geral	13	4	9	10	14	14	16	15	16	16	
Aprender algo novo ou desenvolver alguma habilidade	11	13	18	18	13	16	7	6	8	18	
Motivos religiosos	9	2	1	2	5	6	12	12	20	23	
Exigência escolar ou da faculdade	4	12	11	10	5	4	1	1	1	0	
Atualização profissional ou exigência do trabalho	4	0	1	1	9	5	7	7	3	1	
Não sabe/Não respondeu	1	4	0	1	0	0	0	1	1	5	

Entretanto, ao analisar a Figura 3 mostra que entre os entrevistados de 5 a 17 anos

² A Retratos da Leitura no Brasil passou a ser realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) a partir da segunda edição, em 2007, e chega à sua 5ª edição em 2019 (lançada em 2020). É a única pesquisa em âmbito nacional que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Seus resultados são amplamente divulgados e se tornou referência quando se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros.

começaram a se interessar pela literatura por indicações dos professores ou da escola e por influência da mãe ou influência feminina, porém enquanto as indicações dos professores permanecem por volta dos 70%, a influência da mãe cai drasticamente conforme a idade da criança aumenta. Essa perda de interesse ao longo da vida escolar, principalmente após os 10 anos, pode estar relacionada à falta de mediação contínua, já que, por volta dessa idade, os pais e professores da educação infantil e fundamental 1 ocupam o papel central para incentivo da leitura, entretanto, com o aumento da idade, a mediação diminui, tanto pelo fato de a família não precisar mais desempenhar tal papel como pela falta de políticas públicas e estratégias pedagógicas adequadas. Sem esse suporte, os estudantes vão perdendo o contato diário com a leitura, substituindo-o por outras atividades.

Figura 3 - Interesse pela literatura



Fonte: 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. 2019

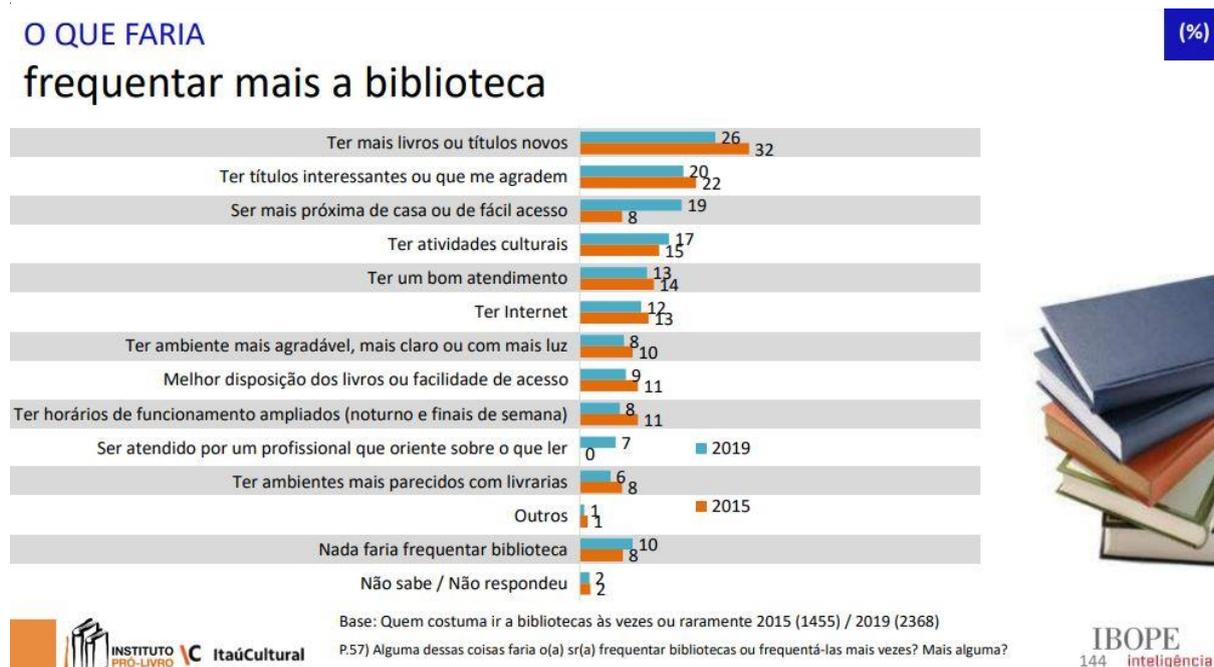
3.1 Problemas de Infraestruturas

As bibliotecas desempenham um papel importante para estimular a leitura e o acesso à literatura, constituindo-se em ferramentas essenciais no desenvolvimento de leitores e na formação cultural acerca da leitura. Contudo, muitas escolas apresentam graves problemas estruturais que limitam o potencial destas instituições, comprometendo normativamente o acesso qualificado a obras literárias e a formação dos hábitos de leitura. O Instituto do Livro, que realiza pesquisas retrato de literatura no Brasil, identifica que o motivo relacionado à interrupção do Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE) em 2015. Segundo o instituto,

a principal causa foi a má utilização dos livros, que muitas vezes não eram lidos e ficavam guardados nas escolas, em caixas ou trancados nas bibliotecas. Por essa razão, não basta só fazer a distribuição dos livros, também é preciso criar programas e investimentos voltados para a melhoria da qualidade das bibliotecas e da formação dos mediadores, como bibliotecários e professores, que desempenham um papel crucial na dinamização dos espaços e na promoção da leitura. Para além disso, é essencial que se repense o papel das bibliotecas escolares como ambientes mais atraentes e acessíveis, tanto em termos de acervo quanto de espaço físico, para que possam se tornar pontos de encontro para atividades culturais e leituras

Porém, se em 2015 o problema estava ligado a obras em excesso e que não eram utilizadas, na última pesquisa do instituto do livro em 2019, conforme a Figura 4, com relação ao motivo que faria ir mais à biblioteca, os três primeiros itens apontam para uma biblioteca com mais livros, títulos interessantes e um fácil acesso. Tanto as pessoas que frequentam quanto as que não frequentam gostariam que a biblioteca oferecesse um acervo mais atualizado, uma oferta maior de bibliotecas em todos os bairros e tivesse mais atividades culturais voltadas para a literatura. Já que, na maioria das bibliotecas escolares, os livros disponíveis são antigos, danificados ou, por vezes, obsoletos, limita-se o interesse dos alunos em explorar novos gêneros e autores. Essa experiência insatisfatória de leitura é desmotivadora, principalmente para os jovens, que são constantemente instigados com novas formas de entretenimento digital.

Figura 4 - O que faria frequentar mais a biblioteca



Fonte: 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. 2019

Outro problema significativo está relacionado à falta de espaços adequados para a leitura, muitas bibliotecas carecem de ambientes organizados e confortáveis, de salas de leitura apropriada ou tecnologia, como, computadores e recursos de multimídia. Este ambiente inadequado não proporciona espaço adequado para a concentração e o estudo, muitas vezes afastando os alunos. Além disso, em algumas instituições, a biblioteca é percebida apenas como um depósito de livros, não sendo aproveitada para atividades pedagógicas dinâmicas que estimulem o uso constante do espaço. Por exemplo, na mesma pesquisa citada anteriormente, 60% das escolas dos entrevistados tinham bibliotecas, 33% tinham sala de leitura, enquanto 10% não tinham nenhuma, porém, dessas bibliotecas e salas, 42% do mobiliário era insuficiente. Mesmo nas escolas com ambientes próprios para a leitura, ainda existem problemas de infraestrutura que limitam suas ações.

Assim sendo, para que as bibliotecas escolares cumpram sua função de forma adequada em prol da formação dos leitores, será necessário que haja investimentos em estruturas de qualidade. Uma boa biblioteca deve ter grande parte dos tópicos citados na Figura 4: um espaço apropriado e acolhedor, com áreas para leitura individual e em grupo que possuam uma boa iluminação, além de recursos que promovam a acessibilidade para todos os leitores, inclusive os com necessidades especiais. Além disso, é essencial que a coleção de livros seja renovada regularmente, incluindo tanto obras clássicas da literatura quanto lançamentos recentes que possam atrair diferentes tipos de leitores, de acordo com a cultura local. Outro ponto importante é a necessidade de ter um profissional capacitado, como bibliotecários e mediadores de leitura, já que é fundamental para auxiliar na seleção de livros e estimular a leitura de indivíduos que não possuem o hábito de ler. Apenas em instituições de ensino que possuam bibliotecas adequadamente instaladas, os estudantes terão condições de desenvolver todo o seu potencial leitor e crítico, instrumentos que possibilitarão seu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

3.2 A Era digital

Além desses problemas de infraestrutura, Caetano e Silva (2023) afirmam que, com a expansão das tecnologias digitais, a literatura está enfrentando diversas dificuldades na “Era Digital”, já que os livros estão concorrendo com os métodos de entretenimento que não exigem menos esforço cognitivo, por exemplo, séries, jogos eletrônicos, redes sociais. A partir disso, é criada uma “cultura do imediatismo”, em que tudo tem que ser instantâneo, resultados rápidos e respostas imediatas em todas as áreas da vida. Isso afeta a leitura de livros, que demanda um

certo esforço e paciência por parte do leitor, o que entra em disputa com a transmissão da informação na era digital, com o turbilhão de informações encontrado na internet, tornando-se uma tarefa complexa filtrar o que é relevante e o que não é. Isso pode levar a leituras superficiais, já que os alunos podem fazer pesquisas superficiais, ler o resumo da obra literária sem motivação para ler a versão completa, vendo resumos em vídeo, coletando frases de autores duvidosos que são encontradas na internet. E com isso imaginam que estão lendo tais obras, o que para Silva (2020) faz com que os jovens se percam em um oceano de vídeos, redes, hipertextos e informações supérfluas. No mesmo pensamento Wolf (2019), os jovens estão ficando cada vez mais impacientes, o que não favorece a leitura crítica e faz com que eles não se importem com o que estão lendo, por isso as *fakes news* têm aumentado nos últimos anos, e as pessoas só leem os títulos e rapidamente acreditam, sem pensar o suficiente no assunto.

Inegavelmente, a humanidade nunca teve tamanha quantidade de informação e de conhecimento tão rapidamente e a um custo módico. Quem poderia imaginar essa realidade no século passado? A abundância de informação é benéfica, mas o excesso pode ser perigoso, porque nem sempre as pessoas têm critérios plausíveis para selecionar os conteúdos de qualidade. Conteúdos de qualidade, nesse contexto, são materiais que estimulam o pensamento crítico e reflexivo, proporcionando uma base sólida para estabelecer uma leitura mais profunda, assim incluindo obras que vão além do superficial, incentivando a reflexão, apresentando informações precisas, fundamentadas e que contribuam de alguma forma para a formação cultural e social do aluno. Assim, o tempo de leitura poderia ser melhor aproveitado, permitindo ao leitor absorver conhecimentos que vão além do efêmero. Afinal, a relação tempo-leitura está se tornando cada vez mais inviável na mesma velocidade com que as informações transitam na internet. Consideravelmente, o conceito de efêmero nunca foi tão aplicado quanto nos dias atuais.

No mesmo pensamento, Caetano e Silva (2023) explicam que na sociedade contemporânea os jovens não costumam ter o gosto pela leitura, o que se deve também ao fato do avanço tecnológico trazer uma massiva quantidade de informação cada vez mais rápida, porém talvez o principal motivo seja que os alunos não estão sendo estimulados da maneira correta. Esse hábito tem que vir, primeiro, da família, depois, da escola, não como uma obrigação, mas sim como uma opção, que começa pela prática da leitura de livros literários em sala de aula. Já que a literatura é reconhecida como uma forte ferramenta para o desenvolvimento cognitivo, acaba sendo contraditório como muitas vezes enfrenta essa discriminação em favor de uma abordagem mais focada em avaliações quantitativas. Com base nessas questões, esta pesquisa busca investigar e argumentar sobre o papel das obras literárias

no desenvolvimento dos alunos como leitores competentes, considerando não apenas a aquisição de habilidades leitoras, mas também a construção de um cidadão crítico, reflexivo e engajado

Tendo em vista as perspectivas mencionadas ao longo do texto e diante desses desafios, é imprescindível que a escola, os professores e a família dos alunos reconheçam a importância da leitura literária na formação do indivíduo, pois é a partir dela que se constrói uma sociedade mais crítica, criativa e participativa. Para isso, é necessário garantir o acesso a obras literárias de qualidade, ou seja, aquelas que oferecem uma experiência enriquecedora ao leitor, discutindo temas universais, investigando a complexidade humana e estimulando a reflexão sobre os acontecimentos, a partir de diversos pontos de vista, essas obras, além de possuírem um alto valor estético e narrativo, também desenvolvem o pensamento crítico e a habilidade de interpretação. A autora Casasanta (1974, p. 34-35, *apud* Abreu 2005, p. 18) apresenta algumas sugestões de critérios para avaliar a qualidade de um livro literário, principalmente os infantis. Esses critérios incluem:

1. **Conteúdo:**

- O Tema: Precisa ser interessante e adequado ao público alvo que se destina, incorporado de forma orgânica à narrativa e trazendo algum tipo de lição de moral, apresentando valores que promovem o crescimento dos leitores.
- O Enredo: Uma boa narrativa possui uma trama envolvente, equilibrada e cativante, incorporando elementos de ação e suspense. As circunstâncias precisam ser viáveis e observar princípios éticos e morais sem discriminações, evoluindo de maneira planejada e cativante.
- Os Personagens: Personagens são críveis e genuínos, com falhas e virtudes, que fogem de estereótipos e demonstram evolução e amadurecimento moral durante a narrativa.
- O Estilo: O estilo precisa ser adequado, direto e simples, contendo diálogos fluidos e um vocabulário apropriado. A obra deve exibir riqueza de expressão, humor, charme e imaginação, preservando uma escrita agradável e cativante.

2. **Formato:**

- O livro deve ter uma aparência atraente, com ilustrações que enriquecem a narrativa e são adequadas ao nível dos leitores. A impressão precisa ser de excelente qualidade, com textos claros e adequados para os leitores, e o acabamento deve ser bom e durável.

Assim, com obras de boa qualidade é possível assegurar que a literatura continue a cumprir seu papel transformador e humanizador, capacitando os indivíduos a compreender e interpretar a si mesmos e o mundo à sua volta de maneira crítica e reflexiva.

E para isso é fundamental a função do professor na mediação do processo de leitura literária, diante dos desafios da era digital, conforme discutido anteriormente, é papel do professor estabelecer um ambiente que estimule a leitura, facilitando a conexão com os estudantes com a leitura. Neste contexto, no próximo capítulo, será aprofundado como essa mediação essencial pode ser implementada de forma eficaz nas práticas educativas, levando em consideração a faixa etária e o contexto educacional contemporânea formação dos leitores, a partir desse método de mediação é possível contornar os problemas que causam diminuição da leitura na escola.

4 A ATUAÇÃO DO PROFESSOR NA MEDIAÇÃO LITERÁRIA

O papel do professor como mediador da leitura literária é fundamental na formação de alunos leitores. Sua atuação enquanto mediador entre o aluno e o texto vai além de apenas transmitir conteúdo, abrangendo também a criação de um ambiente reflexivo, para que os alunos possam debater suas ideias e interpretações dos textos. Nessa perspectiva, o professor atua como um guia, apresentando o aluno ao universo literário, ajudando a desenvolver habilidades de leitura, incentivando os alunos a desenvolverem uma melhor compreensão sobre a obra, levando em conta os aspectos estéticos, narrativos e contextuais, o que ocorre devido à possibilidade de criar de uma conexão entre o texto e o leitor. Assim, o professor, além do conhecimento das técnicas de leitura, também conduz o aluno à valorização e ao prazer pela leitura. Conforme afirma Rouxel (2017, p. 35-36 *apud* Jagher et al 2022, p. 229), “O professor é um sujeito leitor que têm sua própria leitura do texto. É também um profissional que precisa vislumbrar, em função de diferentes parâmetros (idade dos alunos, expectativas institucionais), que leitura do texto poderá ser elaborada na aula”.

Para isso, o aluno precisa ser conduzido por um leitor experiente, que consiga identificar as características da obra, o gênero, tema, como a leitura poderá ser elaborada na aula e também as características dos leitores, condição social, nível educacional, a cultura, com essa análise é possível utilizar o texto certo para público certo. Como cada obra possui suas próprias características, como temas, simbologia, linguagem, para que a leitura atinja seus objetivos pedagógicos, é necessário que o professor conheça a literatura e seja um leitor experiente. Como explicado por Taufer et al (2023 p. 37),

Em relação ao papel da professora-mediadora, ela tenta chamar atenção dos alunos para trechos e/ou aspectos do texto, para que haja um suporte e um caminho para auxiliá-los nas análises. Porém, isso é feito tentando não influenciá-los em suas respostas, já que a proposta é para que eles mesmos tentem pensar e refletir sozinhos.

Esse papel de mediação é fundamental no ato da leitura literária, pois o profissional deve encontrar o meio-termo entre direcionar e permitir que o estudante construa suas próprias reflexões, e com suas intervenções o docente chama a atenção para determinados aspectos que envolvem o texto, para que o aluno possa compreender as particularidades da obra. Porém, tomando cuidado para que a mediação não se transforme em imposição, já que, quando o professor intercede demais, pode restringir o potencial criativo e reflexivo do aluno, impondo na prática sua própria perspectiva; por outro lado, quando não há nenhuma intervenção, os discentes podem se sentir perdidos na análise literária. Portanto, um bom mediador tem que saber até onde pode intervir ou não, desse modo deixando que a autonomia dos educandos predomine. Esse equilíbrio entre a intervenção e a autonomia expressa a dificuldade de muitos professores em abandonar práticas tradicionais de ensino, nas quais a transmissão da resposta é mais valorizada do que o processo de descoberta, por esse motivo, a formação de leitores críticos exige paciência e um olhar atento para não desestimular com respostas prontas.

Entretanto, existe uma lacuna entre uma mediação literária eficaz e a realidade das salas de aula, e um dos grandes obstáculos é a falta de hábito de leitura por parte de alguns professores, porque, quando não é um leitor ativo, o mediador encontra dificuldades em transmitir entusiasmo pela literatura. Esse distanciamento da leitura gera uma abordagem superficial e até mecânica e torna a leitura apenas uma obrigação curricular e não uma experiência enriquecedora, já que, ao não ter um repertório literário diversificado, compromete a capacidade de oferta de sugestões de leitura variadas e estimulantes para o aluno, impedindo um ambiente de leitura dinâmico. Portanto, não basta ter o conhecimento teórico sobre a literatura, é necessária a vivência da prática como leitor, dessa forma, o professor consegue dividir sua experiência e visão que inspirem e motivem os alunos.

Ademais, esse problema é ampliado pela decadência de acervos literários das escolas, como mencionado anteriormente, pois algumas instituições não têm um acervo ou o que possuem está em mau estado. Isso pode restringir a prática constante de leitura, já que sem esses recursos adequados, mesmo que o professor tenha a vontade de estabelecer esse hábito de leitura nos alunos, e em alguns casos, mesmo com a existência de livros à disposição, estes permanecem distantes dos alunos, tornando-se um novo obstáculo. Portanto, a junção entre o desinteresse pela leitura de alguns professores pela literatura e a falta de recursos adequados nas instituições educacionais privam os alunos do contato com a literatura, não tendo

oportunidade de experimentar o potencial de transformação que ela possibilita. E mesmo quando a escola dispõe do acesso as obras, o sucesso da mediação ainda vai depender em grande parte da habilidade do professor em sua atuação de mediador, conseqüentemente, alguns educadores, por falta de formação adequada ou por falta de experiência com a leitura, podem não ter o êxito em desenvolver o processo de leitura nos alunos. Já o bom mediador não apenas apresenta o livro ao aluno, mas também propõe artifício para estabelecer relação entre a turma e a obra, discutindo o tema, elaborando atividades e mostrando como a literatura pode dialogar com o cotidiano do estudante.

Outro fator que dificulta essa aprendizagem é enfatizado por Zilberman (2009, p. 18 *apud* Jagher et al 2022, p. 228): “o exercício da leitura é o ponto de partida para a aproximação à literatura. A escola dificilmente o promoveu, a não ser quando condicionado a outras tarefas”. A escola tem o péssimo hábito de restringir o exercício de leitura a apenas atividades relacionadas a outras tarefas, focando em abordagens fragmentadas que podem atrapalhar a construção de uma experiência com a literatura. Outro fator que merece atenção são as leituras que estão fora do currículo escolar, que podem ser influência de amigos, da internet ou de seu interesse pessoal. Algumas escolas tendem a não tratá-las como “leituras importantes”, conforme afirma Jagher (2022, p. 226), “uma vez que eles não leem o que a escola legitima como leitura literária, mas fora do controle escolar, eles leem, sim. São leituras particulares, leem segundo suas identidades, seus critérios culturais”. Por isso, tanto a escola quanto o professor, em vez de desprezarem essas literaturas, precisam utilizá-las para trilhar um caminho no qual auxiliam a formação leitora, e a partir delas conduzir os alunos para outros tipos de literatura, incentivando o estudante a ir além da sua preferência, explorando novas obras.

A partir dessas considerações, fica claro que a presença de um professor enquanto mediador literário é uma peça-chave na formação de leitores críticos. Contudo, essa mediação exige do professor um hábito de leitura e a capacidade de criar um espaço que proporcione reflexão crítica e diálogo com os alunos. A ausência desses hábitos pode comprometer o interesse dos alunos, transformando a leitura a um ato mecânico, realidade agravada pela falta de um acervo literário, que pode limitar a possibilidade de manter o convívio frequente com a leitura. Diante disso, cabe ao docente equilibrar esses aspectos até onde é necessário guiar o aluno, sem comprometer a sua autonomia, criando um espaço significativo em relação ao processo de leitura, buscando utilizar texto mais acessíveis e progredindo para leituras mais profundas. Por isso, a mediação adequada pode não apenas despertar o gosto pela literatura, mas também garantir uma experiência que contribuía para a troca entre os alunos e o texto, a

partir dessa reflexão e possível desenvolvimento crítico e social, a partir das interpretações que começam a surgir sobre o mundo.

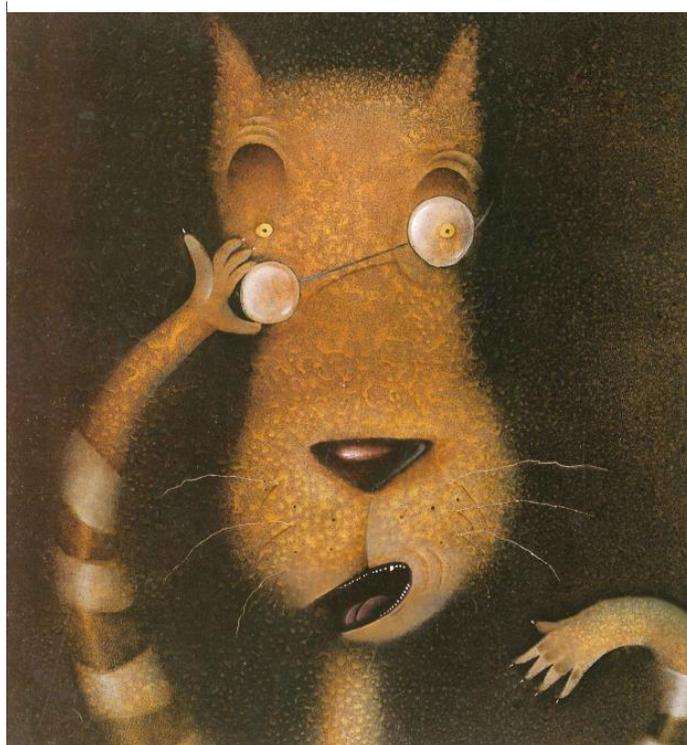
4.1 Análise da obra *A Verdadeira História dos Três Porquinhos*

Neste subcapítulo, é analisado o livro *A Verdadeira História dos Três Porquinhos*, escrito por Jon Scieszka e ilustrado por Lane Smith, com destaque para passagens e as ilustrações da história, para investigar como a obra pode influenciar a criação de leitores críticos e pensantes. A análise dessa obra está incluída neste subcapítulo para ilustrar as características que definem uma obra literária de qualidade. Já que ele tem a habilidade de cativar o leitor com sua narrativa original e provocativa, que traz uma nova visão sobre uma história clássica, estimulando uma reflexão sobre os acontecimentos. Além de destacar pontos importantes, pode enriquecer o desenvolvimento do leitor, aprimorando competências de leitura crítica e promovendo a reflexão sobre questões e valores. Dessa forma, a análise fortalece o estudo ao evidenciar como obras literárias bem elaboradas desempenham um papel fundamental na educação, contribuindo para a formação de leitores mais críticos, reflexivos.

Na versão original do conto, os três porquinhos são retratados como heróis, enquanto o “lobo mau” é retratado como um vilão que tenta derrubar as casas dos porquinhos. Entretanto, neste livro, a história é contada pelo Lobo e de acordo com o seu ponto de vista, que inicia o conto se apresentando como Alexandre T. Lobo e relatando que tudo não passou de um mal-entendido e sua reputação de lobo “mau” é apenas um engano. Justifica que só precisava de uma xícara de açúcar para preparar um bolo de aniversário para sua vovozinha e que a destruição das casas dos porquinhos ocorreu por acidente, devido ao seu resfriado, que o fazia espirrar sem controle.

Essa alteração de ponto de vista, invertendo os papéis, faz com que os leitores reavaliem a narrativa a partir dessa nova perspectiva, melhorando a capacidade de enxergar um acontecimento a partir de vários ângulos. Ao longo da história, o leitor é convidado a refletir sobre a versão original do conto, logo no início, o lobo é apresentado com um nome e como alguém inteligente, usando óculos e vestindo roupa listrada, como é possível observar na Figura 5, assim, construindo uma imagem de alguém civilizado e criando uma melhor aproximação do personagem com o leitor.

Figura 5- Alexandre T. Lobo



Fonte: A verdadeira história dos três porquinhos.

Ao ir pedir a xícara de açúcar ao seu vizinho, Alex indaga e critica a casa do porquinho, já que a mesma era construída de palha. Ao chegar até a casa, ele bate na porta, mas como a casa era toda feita de palha, a porta cai no momento da batida. Ele chama pelo porquinho, mas não obtém resposta e decide ir embora, porém, ele conta que seu nariz começa a coçar devido ao resfriado. Com isso, um espirro acidental derruba a casa frágil e causa a morte do porquinho, de modo que o Lobo decide comê-lo, já que seria um desperdício de comida. Neste ponto, há uma inversão na narrativa original, e a situação que antes era considerada como um ataque do lobo agora é interpretada como um acidente. Essa nova perspectiva faz com que o leitor repense como as intenções e ações podem ser entendidas de maneiras diferentes. Além disso, ele se defende sobre comer o porquinho, falando que é da natureza dele comer animais fofinhos como porco e coelho, e que se não comesse o porquinho

ali, a comida seria desperdiçada. Além de questionar se a comida dos leitores, por exemplo, se um cheeseburger fosse fofinho, eles também seriam chamados de maus.

Após devorar o primeiro porquinho, como ainda não tinha conseguido sua xícara de açúcar, ele caminha para a casa do segundo, que possui uma casa feita de madeira, que segundo Alex era um pouco mais inteligente que o anterior. Ao tocar a campainha, o segundo porquinho se diz ocupado e pede que o lobo vá embora, enquanto o Lobo sente vontade de espirar novamente, ele diz que tenta colocar a mão sobre a boca, mas não conseguiu segurar, causando a destruição de novo da casa e causando a morte do segundo porquinho. A repetição do “acidente” traz uma questão, até que ponto a ação do lobo realmente é um acidente? Isso convida o leitor a questionar o novo narrador da história, como essa história afirma que a história tradicional não era verdade, quem garante que essa também seja? Além disso, essa parte da história pode ser explorado a partir do debate de ideia sobre responsabilidade, mesmo que o lobo alegue inocência, as ações dele tiveram consequência e ele não parou, com esse aspecto dá para refletir sobre a responsabilidade pessoal e as consequências de ações.

Novamente ele conta que não pode deixar a comida estragar e devora o segundo porquinho. Ao chegar na casa do terceiro porquinho, que construiu sua casa de tijolos, o Lobo o considerou o mais inteligente da família. Ao chamar pelo morador, o Lobo é mal recebido e, ao espirrar, a casa resiste. Quando Alex tem sua vovozinha xingada, o que lhe traz uma ira gigante, é quando a polícia chega, e ele está tentando derrubar a porta enquanto gritava com o porquinho. No final da história, o Lobo é capturado e levado a julgamento. O lobo fala que teve azar, já que os repórteres descobriram que ele comeu os outros porquinhos e que uma história de um sujeito gripado pedindo açúcar não seria interessante, por isso ele fala que enfeitaram e exageraram na história, mas ele afirma que essa é a verdadeira história e ele foi vítima de armação. Além da afirmação, é possível ver na Figura 6, que o nome do jornal é “O Diário do Porco” e por isso talvez tenha uma tendência. Ao fazer isso, o livro implanta uma dúvida no leitor: é possível confiar na perspectiva do Lobo ou a história clássica que é conhecida?

Figura 6- Jornal O Diário do Porco

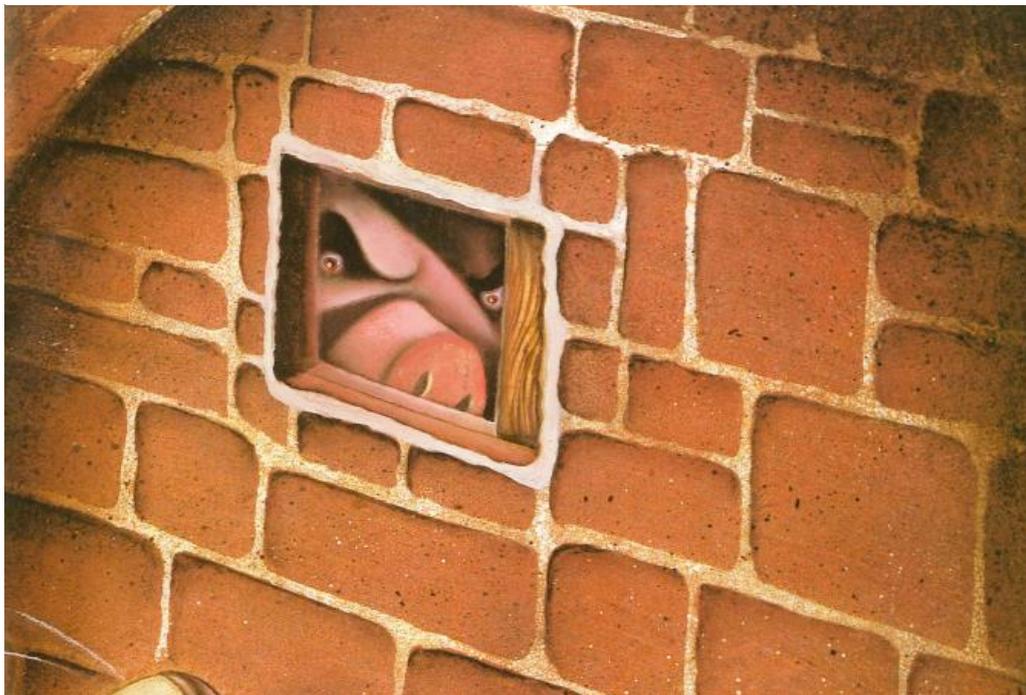


Fonte: A verdadeira história dos três porquinhos.

Partindo desse último trecho, é possível trazer a discussão sobre o papel da mídia e como as informações podem ser manipuladas para criar heróis ou vilões. Neste ponto o professor em sala de aula pode abordar as *fakes news* e a importância de buscar diferentes fontes de informações antes de tentar formar uma opinião. As discussões promovem um desenvolvimento de habilidades críticas, que são necessárias para a compreensão de textos literários, mas também para a realidade vivida pela sociedade.

Além disso, as ilustrações com um estilo meio sombrio e cômico, complementando e enriquecendo a narrativa, o Lobo não tem mais uma representação aterrorizante, agora ele é mais social e culto, no entanto os porquinhos, principalmente o terceiro, como na Figura 6 que é retratado de forma mais sombria, o que facilita a conexão emocional com o novo protagonista da obra, enquanto se afasta da ideia de os porquinhos serem completamente bons. Além de adicionar elementos visuais adicionais, que possibilita compreender melhor dos acontecimentos, as imagens não só seguem o texto, mas também fornecem uma representação visual que melhora a história e instiga o leitor a rever suas visões. A junção de texto e imagem ajuda os leitores mais novos a entenderem a ironia e a troca de papéis da história, incentivando uma leitura visual e crítica que leva em conta as nuances das narrativas.

Figura 7- Terceiro porquinho



Fonte: A verdadeira história dos três porquinhos.

Com essas perspectivas *A Verdadeira História dos Três Porquinhos* é mais que uma simples releitura do conto original, ele encoraja o leitor a questionar a verdade por trás da história contada, assim, desenvolvendo a leitura crítica desde os primeiros anos escolares. A troca de narrador voltada traz uma aproximação maior com o lobo e estimula a reflexão sobre como a verdade é formada e a importância das perspectivas para saber se de fato qual ponto é verdade. Por meio de uma mediação apropriada do professor, esse livro pode servir como um meio para discussões valiosas a respeito de ponto de vista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das leituras dos artigos desta pesquisa e reflexões realizadas ao longo deste trabalho, posso concluir que as obras literárias são fundamentais para a formação do leitor e do indivíduo na sua totalidade ao longo da educação.

O percurso do desenvolvimento do leitor, assim como foi abordado no decorrer dos capítulos, é um processo gradual, diretamente relacionado com a faixa etária e o nível de maturidade do aluno. A seleção adequada do material literário, atrelada a propostas pedagógicas que se comuniquem com as distintas fases de leitura, pode favorecer o gosto pela

leitura e influir na capacidade de o aluno pensar criticamente. Além disso, ficou demonstrado que o engajamento sistemático e contínuo com a literatura, além de favorecer o desenvolvimento de habilidades cognitivas, pode contribuir para o desenvolvimento da criatividade e da capacidade de pensar sobre si e o mundo.

Ademais, a pesquisa destacou ainda a importância do papel do professor e dos mediadores de leitura na influência para a prática literária. Os achados confirmam o que é amplamente discutido nos artigos que foram utilizados, ou seja, a importância da mediação da leitura é fundamental desde a infância. A ausência desse mediador, sobretudo nas etapas superiores do ensino fundamental, resulta na diminuição do número de leitores. Portanto, é extremamente necessário que a escola e a família atuem em conjunto, de maneira colaborativa, para que a leitura continuar sendo realizada como prazer e não como uma obrigação. Na função de mediador, o professor não apenas transmite o conhecimento, mas orienta, guia e estabelece um espaço de interação entre os alunos, possibilitando que o estudante interaja com o texto, criando um ambiente que possibilite ao estudante exercer sua autonomia. Em resumo, é o educador que ao exercer sua mediação, maximiza a experiência de leitura, fazendo com que a literatura desempenhe sua função transformadora de forma mais eficaz.

A literatura, ao longo da pesquisa, consolidou-se como uma ferramenta essencial tanto para o desenvolvimento cognitivo quanto para o emocional do aluno, oferecendo um grande universo, que possibilita ao leitor interpretar, questionar e refletir sobre os acontecimentos. Quando o discente entra em contato com as várias histórias, vozes e perspectivas, ele passa a se perceber de forma mais ampla, já que tem seu repertório cultura ampliado. Com isso, foi possível perceber, que a literatura quando mediada de forma correta, promove tanto o desenvolvimento emocional quanto o cognitivo, aprimorando a suas habilidades de expressão e comunicação. Essas vantagens impactam tanto a trajetória escolar quanto o aprimoramento pessoal.

Desse modo, ao longo deste trabalho, foi possível compreender a profunda relação entre a literatura e o desenvolvimento do leitor, sobretudo, no âmbito educacional. Através da literatura – compreendida como um espaço de diálogo e desenvolvimento social, o leitor é capaz de experimentar algo para além do que simplesmente a apreciação estética. É, portanto, uma forma de o aluno entrar em contato com diferentes realidades, além de ampliar seu conhecimento e o seu repertório cultural e crítico, isso garante, dentro do contexto escolar, a formação de indivíduos críticos e cidadãos conscientes.

A pesquisa demonstrou o valor da experiência com a vida de linguagem, exemplificou que o hábito da leitura precisa ser promovido desde as séries iniciais. A formação de leitores

literários não pode ser feita apenas como uma atividade de cumprimento curricular, ela deve ser experienciada pelos alunos de forma agradável e consciente. Todavia, mesmo com toda essa importância da literatura, ainda existem desafios, entre eles, a falta de leitores entre idades mais avançadas, demonstrada como um alerta para uma mediação mais atuante no ensino fundamental e médio, a falta de infraestrutura e os problemas da era digital, são empecilhos que impedem a leitura literária de se desenvolver nas escolas. Por tais questões, fica evidente a necessidade de novas pesquisas evidenciando como a leitura literária é importante e a busca por formas de contornar esses problemas se tornam cada vez mais necessárias

REFERÊNCIAS

ABREU, Â. M. T. **LITERATURA INFANTIL Leitura e Prazer no Contexto da Biblioteca Pública**. 2005.

ALMEIDA, Alana Evellyn Silva. **A gamificação como estratégia pedagógica no incentivo à leitura literária em sala de aula**. João Pessoa: UFPB, 2023.

BARTHES, Roland. Literatura e significação. In: BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Trad. por Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 165-184.

BETE, A. **Literatura para criança**. Doces Histórias, 2021. Disponível em: <<https://www.doceshistorias.com.br/blog/a-literatura-para-crianca/>>. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Notas sobre o Brasil no Pisa 2022**. Brasília, DF: Inep, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 18 abr. 2024.

CAETANO, Fabiane Dayse Mendes; Silva, Débora Cristina Santos. **Os desafios para o ensino de literatura na era digital**. Interfaces de pesquisas em educação, linguagem e tecnologias. Revelli, Vol. 15, 2023. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/14275> Acesso em: 11 out. 2024.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem. Ciência e Cultura**. São Paulo, USP, v. 24, n. 9, p. 803–809, 1972.

CANDIDO, Antonio. **O Direito à Literatura**. 2011.

CRUVINEL, A, P. et al. **Nativos virtuais?** Reflexões sobre a formação de leitores na era digital. 2022.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

ELIAS, M. E. O.; OLIVEIRA, R. H. F. A contribuição dos gêneros literários no processo de aquisição da leitura dos educandos do 3o ano na Escola Municipal De Ensino Fundamental “Cícera Lima do Nascimento” no município de Igarapé-Açu/PA. 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideologias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 168 p. 2009.

FORTUNATO, Geraldo Monteiro. **A contribuição da literatura infantil no desenvolvimento educacional**. João Pessoa: UFPB, 2016.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura em Bibliotecas escolas**. 4ª ed. São Paulo, 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5ª ed. São Paulo, 2019.

JAGHER, C. M.; SANTOS, M.; ARAÚJO, V. S. **Mediação de leitura literária e letramento literário na escola**: uma abordagem reflexiva. p. 18. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/37982> Acesso em: 11 out. 2024.

JOBIM, Solange; SOUZA. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas, SP: Papyrus, p. 96-132. 1994.

SUASSUNA, Livia. **Literatura e Educação**: temas em interface, p. 62-81. 2023. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/857>. Acesso em: 11 out. 2024.

MACÊDO, Aelinny Louise Meireles. Os gêneros do discurso / Aelinny Luise Meireles de Macêdo. – Guarabira: UEPB. 2012

MARIANO, Patrícia Mitereski da Silva. **Literatura Infantil e sua Contribuição no Desenvolvimento Cognitivo Socioemocional**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 9, n. 9, p. 4850–4865, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i9.10225. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10225> . Acesso em: 11 out. 2024.

NAHIA, Elizabeth Mariana Alfredo Capathia; DIAS, José Luís. **Análise de Gêneros literários e sua categorização na perspectiva de Wellek e Warren**. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial I, p.273-285, mai. 2023. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/1217>. Acesso em: 11 out. 2024. OLIVEIRA, F. C. **O ensino de literatura na perspectiva dos gêneros**. 2010.

OLIVEIRA, L. E. **Do esplendor ao ocaso: ascensão e queda da literatura na escola brasileira.** 2008. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456102523.pdf. Acesso em: 11 out. 2024.

RAUEN, A. R. F. **Práticas pedagógicas que estimulam a leitura.** 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/390-4.pdf>. Acesso em: 11 out. 2024.

ROBLEDO, B. H. El mediador de lectura La formación del lector integral, p. 61-91. 2017.

SANTOS, Andreia Cristina. **Por que as crianças apreciam a leitura literária e, conforme os anos passam, o prazer em ler diminui.** 2021. 23 p. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. 2021.

SCIESZKA, Jon. **A verdadeira história dos três porquinhos.** Ilustrações de LANE SMITH. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1993.

SILVA, Agda Monielly Oliveira. **A importância da leitura para o desenvolvimento da criança no ensino fundamental.** João Pessoa: UFPB, 2017.

SILVA, J. L. T. **Literatura infantil: O Desenvolver da Aprendizagem em Crianças na Escola Anayde Beiriz.** João Pessoa: UFPB, 2016.

SILVA, Haile Dalla Cunha Saugo; DESIDÉRIO, Taís Regina. **A literatura como forma de desenvolvimento afetivo, cognitivo e social na educação infantil: o olhar docente.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 06, Ed. 10, Vol. 04, pp. 178-197. Outubro 2021. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/desenvolvimento-afetivo#:~:text=algo%20naquele%20contexto.-,A%20literatura%20como%20forma%20de%20desenvolvimento%20afetivo%2C%20cognitivo%20e%20social,escola%20torna%20o%20aprendizado%20mais> Acesso em: 11 out. 2024.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil.** Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-49. 2011.

Tauffer, Aduino Locatelli; Antunes, Benedito; Netto, Daniela Favero (orgs.). **Leitura e ensino de literatura**. Porto Alegre: Bestiário / Class, p. 14-56. 2023.

WOLF, M. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. Tradução: Rodolfo e Mayumi Ilari. São Paulo: Editora Contexto, 2019. p. 163-178.